



MIRANDO COM O ESTILINGUE: VARIANTES LEXICAIS PARA DESIGNAR O ARTEFATO DO PONTO DE VISTA DA LÍNGUA PORTUGUESA FALADA POR CIGANOS E NÃO CIGANOS

Geysa Andrade da Silva (UNEB)¹
geysasilva@uneb.br

Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA)²
silvanar@ufba.br

RESUMO: Examina-se, neste trabalho, a variação lexical observada nas denominações para *estilingue* apuradas em pesquisas realizadas por Silva, 2017; Sá, 2013 e Ribeiro, 2012, relativas aos estados da Bahia e de Pernambuco, e que tomaram por base as respostas para a pergunta 157 do Questionário Semântico-lexical, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) — “Como se chama o brinquedo feito de forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinho?” (COMITÊ... 2001, p.34) —, referente à área semântica *Jogos e diversões infantis*. Objetiva-se verificar se a seleção lexical apresenta influência de fatores diatópicos e diastráticos, identificados a partir dos dados recolhidos a dois grupos etnicamente distintos, nos dois estados: uma comunidade cigana e outra constituída de não ciganos. Consideraram-se os pressupostos e a metodologia da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional bem como da Lexicologia, da História, da Antropologia e da Ciganologia. A conclusão descreve e aborda os resultados obtidos. O estudo demonstrou que o artefato “estilingue” se conserva nos estados pesquisados, com um total acima de 95% de respostas válidas nas três pesquisas, revelado pelas escolhas lexicais dos falantes e contribuiu para o conhecimento das variantes léxico-regionais dos falantes em questão e sua área geográfica. Em síntese: (i) Na Bahia, *badogue* é a lexia de maior frequência e, em Pernambuco, *baladeira* ocupa esta posição, em se considerando a intercomparação das pesquisas; (ii) O conjunto cartográfico apresentado no texto permite ter-se a visão diatópica do espaço geográfico estudado, em sua unidade (lexia e área homogênea) e sua diversidade (marcada pelas especificidades de cada estudo).

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia; Léxico; *Estilingue*; Português do Brasil; Ciganos e não ciganos.

ABSTRACT: In this work, the lexical variation observed in the denominations for slings found in research conducted by Silva, 2017 is examined; Sá, 2013 and Ribeiro, 2012, relating to the states of Bahia and Pernambuco, and which were based on the answers to question 157 of the Semantic-Lexical Questionnaire, of the Atlas Linguistic Project of Brazil (ALiB) - “How is the toy called made of a pitchfork and two rubber strips that boys use to kill birds?” (COMITÊ ... 2001, p.34) -, referring to the semantic area Games and children's entertainment. The objective is to verify if the lexical selection has influence of diatopic and diastratic factors, identified from the data collected from two ethnically distinct groups, in the two states: a Roma community and a non-Roma community. The assumptions and methodology of Sociolinguistics and Pluridimensional Dialectology as well as Lexicology, History, Anthropology and Gypsyology were considered. The conclusion describes and addresses the results obtained. The study demonstrated that the “slingshot” artifact is preserved in the surveyed states, with a

¹ Docente do Departamento de Ciências Humanas / Colegiado de Letras, CAMPUS IV – Jacobina, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Mestre em Estudos Linguísticos (UEFS); geysasilva@uneb.br;

² Docente do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA; Doutora em Língua e Cultura (UFBA); silvanar@ufba.br

total of over 95% of valid responses in the three surveys, revealed by the lexical choices of the speakers and contributed to the knowledge of the lexical-regional variants of the speakers in question and its geographical area. In summary: (i) In Bahia, *badogue* is the most frequent lexia and, in Pernambuco, *baladeira* occupies this position, considering the intercomparison of research; (ii) The cartographic set presented in the text allows us to have a diatopic view of the studied geographical space, in its unity (lexia and homogeneous area) and its diversity (marked by the specificities of each study).

KEYWORDS: Dialectology; Lexicon; Slingshot; Brazilian Portuguese; Gypsies and non gypsies.

1 Introdução

Estabeleceu-se o seguinte objetivo para este estudo: comparar dados da área semântica de Jogos e diversões infantis, especificamente do artefato *estilingue*³, coletado a partir da questão contida no Questionário Semântico- Lexical – doravante QSL - do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, usando a pesquisa e a rede de pontos examinada por Ribeiro (2012), no estado da Bahia, por Sá (2013), em Pernambuco, com entrevistas realizadas por falantes da língua portuguesa não ciganos e por Silva (2017), com coleta de dados empreendida em comunidades ciganas dos mesmos estados.

Tratar da temática cigana é instigante e, inevitavelmente, pode-se estar reproduzindo a ambiguidade de sentimentos que os ciganos despertam em quase todos: se por um lado o gosto pela liberdade, um mundo por conhecer, uma forte atração pelo figurino brilhante, a música e a dança envolventes; em conflito a este, o medo e a desconfiança, a incerteza da magia, o temor pela chegada do acampamento cigano nas cidades, revelando os próprios conflitos sociais, alimentados pelo desconhecimento da trajetória dessa etnia, fortalecidas pela imagem registrada no senso comum, estereotipada durante séculos.

Há uma forte perpetuação dos valores e tradições singulares entre o povo cigano e uma tentativa de “conviver sem se envolver” com os *gadjé*⁴, embora estejam

³ Adota-se o termo artefato tendo em vista que, embora, a forma coletada na seção Jogos e diversões do QSL seja “brinquedo”, o objeto pode também ser considerado uma arma branca.

⁴ Masculino plural de *gadjo*, pessoa não cigana. Para os ciganos, todos os estranhos à sua raça são chamados *gadjé* ou *payo*, que em *romani* quer dizer literalmente aquele que não é cigano. A forma feminina é *gadji*.



inseridos, cada vez mais, no contexto da história brasileira, influenciando e sendo influenciados, gerando transformações que permeiam, até hoje, a conjuntura nacional.

O estudo, apesar de fortemente marcado pelos pressupostos da Dialetologia, não pode ter um corpo teórico fechado uma vez que, para se entender os sujeitos da pesquisa, precisa valer-se da Antropologia e da História, além de considerar a Lexicologia ao analisar as variações encontradas para a lexia *estilingue*.

2 Ciganos: diversidade desconexa

Neste tópico e de modo breve, busca-se dar conta de algumas características do povo cigano e da motivação da pesquisa de Silva (2017) em comunidades ciganas, a qual dialogará, neste artigo, com outras pesquisas conduzidas com população não cigana.

Os ciganos são detentores de uma etnicidade demarcada por fronteiras predominantemente culturais e definidas, não pertencendo a nenhum país, embora sejam uma nação. São as práticas sociais e culturais que causam o isolamento do povo e não o território geográfico.

No entanto, visando adaptações às tensões construídas pelo contato com outros grupos sociais, as variantes, abordadas neste estudo, não são consideradas étnicas, assim como uma série de outras estratégias por eles usadas que buscam solucionar conflitos, ao mesmo tempo que, deixam de marcar uma identidade específica do povo. Não se pode negar, por outro lado, que culturalmente a sociedade é, hoje, um conglomerado de diversos acréscimos; e o que possa, a princípio, parecer desconexo, é um cenário sincrético do multiculturalismo, é a “diversidade desconexa” proposta pelo antropólogo norueguês Barth (2000).

Essa diversidade desconexa (ao menos aparentemente) de atividades e a mistura do novo com o velho, formando um cenário sincrético, são características desconfortáveis com as quais o antropólogo irá se



defrontar em quase todo lugar. Somos treinados a suprimir os sinais de incoerência e de multiculturalismo encontrados, tomando-os como aspectos não essenciais decorrentes da modernização, apesar de sabermos que não há cultura que não seja com conglomerado resultante de acréscimos diversificados (BARTH, 2000, p.109).

Os estudos antropológicos são aplicáveis à etnia cigana quando do momento de “reconceptualização da cultura” proposto por Barth (2000), uma vez que olha para a criatividade cultural dos indivíduos como forma de vencer a resistência de mundo, mas afirma que, em tantos aspectos, a cultura é uma experiência dinâmica e influenciada pela aproximação efetiva de grupos sociais diferentes, o que ocorre com os ciganos a partir da sedentarização, como explica esse mesmo autor ao afirmar que

[...] quando alguém reconstitui a história de um grupo étnico através do tempo, não está ao mesmo tempo e no mesmo sentido descrevendo a história de uma cultura: os elementos da cultura atual do grupo étnico em questão não surgiram do conjunto específico que constituía a cultura do grupo em um momento anterior, ainda que este grupo tenha existência contínua do ponto de vista organizacional, com fronteiras (critérios de pertencimento) que, apesar de modificarem-se, demarcam efetivamente uma unidade que apresenta continuidade no tempo (BARTH, 2000, p.67).

O lado negativo, generalizante e preconceituoso de olhar para este povo, revela um profundo desconhecimento e muita intolerância perpassando as relações entre ciganos e não ciganos. Registra-se, no geral, uma relação conflituosa, uma trajetória descrita unilateralmente e não sob diferentes pontos de vista, na qual tais sujeitos são alvo da repressão e perseguições.

Todo o clima hostil representa, até as primeiras décadas do século XX, uma enorme dificuldade de sobrevivência destes grupos para manter as práticas tradicionais das quais dependiam: para os homens, o comércio, e para as mulheres, a quiromancia. Capta-se, assim, que as tensões não são apenas nos aspectos sociais e culturais, mas também econômicos e políticos.

2.1 Caravanas ciganas: imenso e inexplorado campo

Os grupos ciganos brasileiros, *Rom* ou *Calon*, assim identificados a depender da origem Ibérica ou de outras regiões da Europa, mantém entre si aproximações bem definidas, a exemplo da preservação de suas tradições e vivências, assim como da transmissão através da estratégia oralidade, deixando na memória sua mais preciosa bagagem. Nesta memória foram resguardadas as tradições e vivências para além do indivíduo, mas sim, deste inserido num contexto, argumenta Rouso (2001)

A memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui [...] um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (ROUSSO, 2001, p. 94-95).

Muitas das tradições ciganas estão, ainda hoje, confinadas na memória destes indivíduos, pouco se tem registrado da trajetória da etnia, do *romani* e do léxico usado no contato com os não ciganos; registros que representariam esta memória ajudariam a esculpir a identidade da etnia no âmbito nacional. Essa memória é cidadania, é resistência; opõe-se ao esquecimento, ao mesmo tempo que traz as narrativas passadas para alimentar o presente, nutrindo assim a identidade coletiva deste povo.

Sem sombra de dúvida a recorrente dificuldade de chegar-se a fontes primárias, no Brasil, sobre a ciganologia, dificulta tomar os ciganos como objeto de estudo, ao mesmo tempo que é inegável a contribuição da própria maneira de viver deles para se constituir a ausência dessa preservação das fontes; ou seja, tal ausência é fruto do costume de vida que levam e daquilo que acreditam, praticam e partilham nos contatos diários, culturalmente. Se por um lado a produção europeia é uma complexidade, a brasileira é escassa. Os estudos de Antropologia Cultural, no entanto, unem-se à



História e à Linguística, a partir da década de 1980 (o primeiro momento de obras teria sido no final do século XIX) para reflexões e buscas de respostas sobre a temática, embora muito tenha girado em torno ou das explorações sensacionalistas do estereótipo criado ou das transgressões cometidas pelos ciganos.

Pode-se dizer que, na luta contra o anticiganismo, há ainda um imenso e inexplorado campo de trabalho. Um direcionamento a essa “minoría”, excluída política, econômica, social e culturalmente, proporcionará percepção de muitas questões às quais estão submissas as caravanas ciganas, constante e historicamente ameaçadas pelos modelos culturais das sociedades (que ora os acolhem, ora os repudiam) e das pressões legislativas.

3 Dialetologia: uma aliada da pesquisa

As línguas variam, é fato. A homogeneidade linguística só é possível na gramática; em uso, as línguas apresentam variação e pesquisadores de diferentes épocas e vertentes demonstraram interesse neste estudo. Quanto maior o número de usuários, maiores as possibilidades de variação.

Buscando examinar as línguas numa perspectiva de tempo a que estão submetidas – possibilitando reunir distanciadas sincronias -, qualificando socialmente as ocorrências registradas e identificando/descrevendo, nos fatos característicos delas, espaços geográficos por onde estão semeadas, a Dialetologia que, nos seus primórdios, apresentava uma visão monodimensional e assumiu nas últimas décadas uma perspectiva pluridimensional, embasa esta análise.

Se o *Atlas Linguistique de la France*, de Jules Gillieron e Edmond Edmont (1902-1910), deu *status* de autonomia à Dialetologia, seus frutos mais valiosos produzidos são a propagação do método da Geografia Linguística, que passou a ser empregada na confecção de diversos atlas linguísticos. O surgimento da Sociolinguística trouxe para a Dialetologia o componente social – diastrático – ampliando-a a pluridimensionalidade.

A abordagem pluridimensional, envolvendo os fatores sociais na coleta de dados, reforça as possibilidades de análises de um dado fenômeno. Desde os primórdios, a Dialetologia controlava os fatores sociais que poderiam interferir nos processos de variação e mudança, mas só recentemente incorporou o método da Sociolinguística, produzindo, desta forma, amostras equitativamente equilibradas. A Dialetologia segue viva, ativa e ampliando seus métodos para poder identificar, descrever, interpretar e analisar os dados linguísticos coletados num espaço específico; contudo, a ausência do registro de dados e a existência de espaços vazios servem também para legitimar informações sobre a língua pesquisada.

Assim, um mesmo fenômeno permite dois caminhos, como nos assegura Cardoso (2016), a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico

Se as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais é porque, na abordagem dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços geográficos, exatamente porque o falante é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer, do *locus* em que se situa (CARDOSO, 2016, p.17).

Na perspectiva social, a Dialetologia atesta, numa mesma área, a existência de variantes que não se explicam nem se justificam do ponto de vista geográfico, mas que se associam a fatores sociais. (CARDOSO, 2016, p.14).

Olhar a língua buscando aproximá-la “do *locus* onde se situa” não é uma novidade, ao contrário; consolidado o método, a ciência já apresentou obras clássicas cujas direções foram apontadas pela língua. Em 1920, o pesquisador Amadeu Amaral publicou *O Dialeto Caipira*, cuja obra busca caracterizar a dialeção em São Paulo que tinha fama de ter o vernáculo corrompido com “muitos e feios vícios de linguagem” (AMARAL, 1955, p.40) dado o falar caipira que se estendia à maioria da população. Em 1953, Antenor Nascentes publicou o livro *O linguajar carioca*, nele revela as características do falar fluminense. Após ajustes, republica, na obra, um mapa com a divisão dialetal brasileira e indica que o país possui variações características advindas da enorme extensão territorial e da pouca relação mútua entre os seus pontos.

No nível lexical, como um exemplo, Nascentes (1953) destaca a grande dificuldade de organizar um léxico carioca, uma vez que o Rio de Janeiro atraía termos oriundos de outros estados que se infiltravam no núcleo familiar, mas que com o passar do tempo se generalizavam ou sofriam uma incorporação imediata dada uma ampliação geral à população. Tais termos iam da vida efêmera ou *continuum*, vinham de uma criação própria ou eram meros derivados, ou ainda, eram velhos termos, com nova significação.

As apontadas obras de Amaral (1955) e de Nascentes (1953) retratam a língua naquele momento e naquelas áreas, indicam mudanças, esboçam comportamentos linguísticos típicos, revelam a identidade dos falantes vinculados à sua terra. Estas são possibilidades dos dados recolhidos e analisados nas pesquisas dialetológicas. Em maior ou menor amplitude, a investigação linguística, a partir do coletado, fornece o uso corrente da língua naquela área. Buscando esse uso é que o presente trabalho se situa.

4 O que a lexia projeta a partir dos grupos pesquisados

O *estilingue* é um objeto que virou “brinquedo” nas mãos das crianças, mas foi originalmente construído para matar passarinhos, usado para o lançamento de pedras ou outros pequenos projéteis, impulsionados por uma força mecânica manual vinda das mãos, com auxílio de elásticos.

4.1 Observando a Bahia e Pernambuco: comunidades ciganas

A pesquisa de Silva (2017) recolhe dados em duas localidades da Bahia e em duas localidades de Pernambuco, como a seguir se detalha, tomando por base o QSL⁵ do ALiB e coletando resposta para 6 questões. Aqui o enfoque será para a pergunta 157

⁵ O questionário 2001 (COMITÊ..., 2001) é constituído de 202 perguntas divididas em catorze áreas semânticas. A área semântica Jogos e diversões infantis originalmente apresenta treze questões. Silva (2017) trabalha com um extrato do QSL.

deste questionário “Como se chama o brinquedo feito de forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinho?” (COMITÊ... 2001, p.34).

Silva (2017) obteve 36 ocorrências, todas computadas como respostas válidas. Homens/mulheres, jovens/adultos/idosos, independentemente do grau de escolaridade todos responderam ao questionamento proposto e, portanto, ocorreram respostas à questão na totalidade das localidades pesquisadas, atestando também o quanto o “brinquedo” é conhecido.

A escolha da rede de pontos adequada ao fenômeno que se deseja estudar é primordial para uma investigação dialetal, fatores como características linguísticas do espaço geográfico e o próprio espaço são cruciais nessa escolha. Para adquirir os dados, selecionaram-se na Mesorregião do Centro-Norte Baiano, na Bahia, as cidades de Miguel Calmon e Jacobina as quais possuem comunidades ciganas sedentárias para a pesquisa *in loco*. A partir dessas gravações, agregaram-se a elas as cidades (advindas da necessidade de um projeto piloto) de Flores – no Sertão do Pajeú – e Ouricuri – no Sertão do Araripe, ambas na Mesorregião do Sertão Pernambucano, perfazendo um total de 4 pontos.

Os informantes da pesquisa têm as seguintes características:

- a) a população investigada é de 36 informantes (24 da Bahia e 12 de Pernambuco);
- b) residem no interior dos estados;
- c) são do sexo masculino e feminino distribuídos com equidade;
- d) quanto ao fator faixa etária, pertencem à faixa I (18 a 30 anos), faixa II (31 a 49 anos) e faixa III (de 50 a 65 anos) distribuídos com regularidade;
- e) não são necessariamente naturais da localidade perscrutada;
- f) apesar de se ter controlado a variável escolaridade, ela não apresentou relevância ao analisar os dados, não sendo significativa para este estudo lexical.

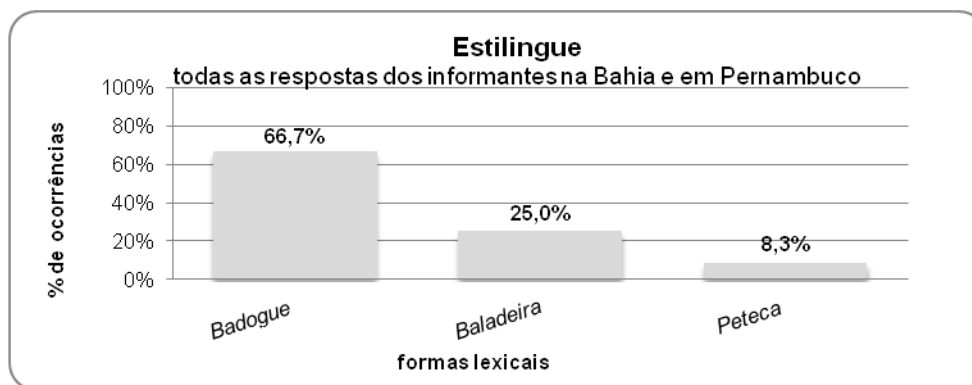
Badogue, badoque, bagode, baladeira e peteca foram as lexias encontradas na amostra. Como segunda resposta, que não foi estimulada pela inquiridora, chega-se a três ocorrências, todas *estilingue*, na região geográfica pernambucana.

Nenhuma das cinco lexias encontradas foi comum a todos os pontos; por meio da amostra, pode-se salientar também que *badogue, badoque e bagode* são comuns nas cidades baianas – distantes umas da outra por apenas 37,8 Km – ao passo que no território pernambucano, distantes 251 Km uma cidade da outra, obteve-se a lexia *peteca* em Flores, e *baladeira* em Ouricuri.

Com base na naturalização da variação fônica e a manutenção das formas únicas registradas em obras lexicográficas consultadas⁶, agruparam-se as lexias *badogue, bagode e badoque* na forma *badogue*; as demais (*baladeira e peteca*) permaneceram também como rótulo de agrupamentos.

Observou-se que, das quatro lexias agrupadas para denominar o brinquedo/artefato/arma, *badogue* é o item lexical mais expressivo com 66,7% das respostas dadas (verificar Gráfico 1), considerando o universo total de 36 informantes.

GRÁFICO 1 – *Estilingue* em comunidades ciganas (SILVA, 2017)



Fonte: A autora.

⁶ Silva (2017) para conceituação dos itens lexicais utilizou-se dos dicionários Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012) buscando verificar se os vocábulos estavam dicionarizados e quais definições possuíam, além de registrar as variantes que aparecem listadas, ou ainda se não dicionarizadas.

O Gráfico 1 contempla as comunidades ciganas dos dois estados, conjuntamente. Isolando-se, aqui, a análise estatística por Estado, têm-se:

- a) *badogue* atinge a marca de 100% das respostas válidas confirmando a força do regionalismo – abordado em Houaiss (2009) – da Bahia⁷;
- b) em Pernambuco, *baladeira*, totalizou 75% das lexias obtidas, e *peteca*, 25%. Não há registro de ocorrência da lexia que é taxativa na Bahia.

4.2 Observando a Bahia: comunidade não cigana

A tese de Ribeiro (2012), intitulada *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*, defendida na Universidade Federal da Bahia, em 2012, abordou parte da Região Nordeste do Brasil e áreas circunvizinhas, das quais aqui interessa a Bahia, com seus 22 pontos⁸; dentre as 13 questões inquiridas pela pesquisadora da área semântico-lexical de Jogos e diversões infantis, a de número 157, comum às demais pesquisa relacionadas nessa análise, será a de interesse.

Num total de 92 informantes, 84 do interior e 8 da capital, com controle de faixa etária, sexo e escolaridade como prevê o Projeto ALiB, Ribeiro (2012) obteve 98,91% de respostas válidas na Bahia, distribuídas entre cinco lexias: *badogue*, *estilingue*, *baladeira*, *beca* e *atiradeira*.

O *estilingue* ressalta Ribeiro “do ponto de vista de quem brinca, o brinquedo pode ser qualquer objeto utilizado como suporte para a brincadeira” (RIBEIRO, 2012, p. 112) e argumenta que “o brinquedo não tem fronteiras, nem territoriais e nem de função ou utilidade: brinquedo ou arma? Como arma, ele invade os espaços e, muitas

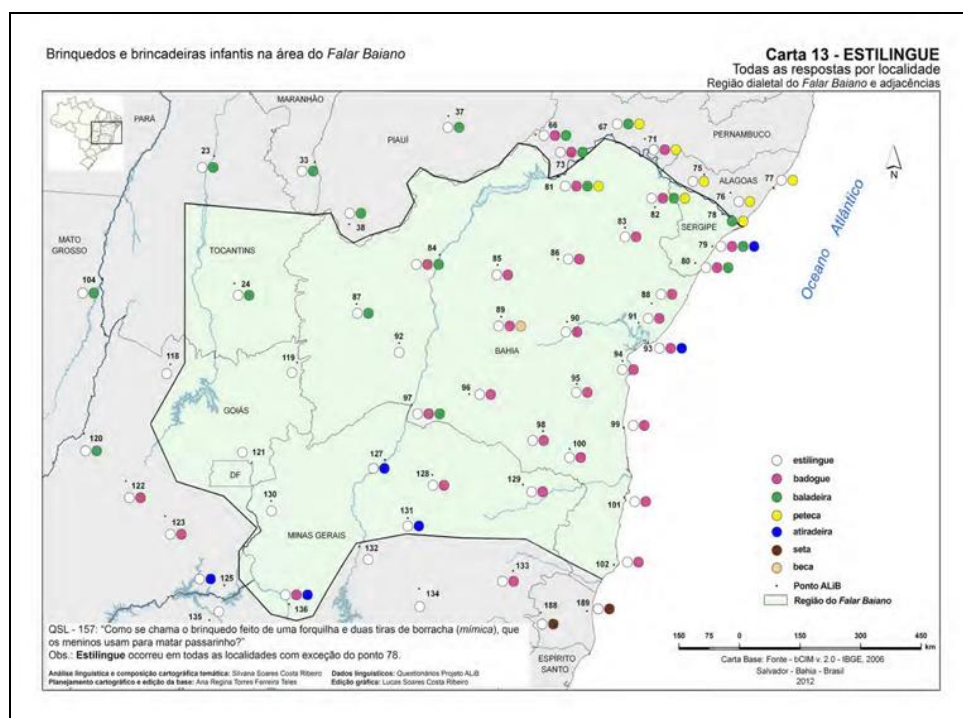
⁷ Silva (2017) por ser considerado uma variação fônica (uma não sonorização), *badogue* foi agrupado ao *badogue* apesar de no Houaiss (2009) o verbete ter entrada específica independente, que por sua vez é remissivo a *badogue* e *atiradeira*.

⁸ Selecionados pela rede de pontos espacialmente identificados do Projeto ALiB, o que inclui a cidade 86 – Jacobina e mais 82 – Jeremoabo, 83 – Euclides da Cunha, 84 – Barra, 85 – Irecê, 87 – Barreiras, 88 – Alagoinhas, 89 – Seabra, 90 – Itaberaba, 91 – Santo Amaro, 92 – Santana, 94 – Valença, 95 – Jequié, 96 – Caetité, 97 – Carinhanha, 98 – Vitória da Conquista, 99 – Ilhéus, 100 – Itapetinga, 101 – Santa Cruz de Cabrália, 102 – Caravelas e a capital 93 – Salvador.

vezes, rouba a infância e a inocência das crianças” (RIBEIRO, 2012, p. 211), explica a adoção do *estilingue* com função de brinquedo na pesquisa.

A Carta 13 – *Estilingue* – todas as respostas por localidade, constante da tese da autora, cobre toda a área do *Falar Baiano* como pode-se verificar na Figura 1.

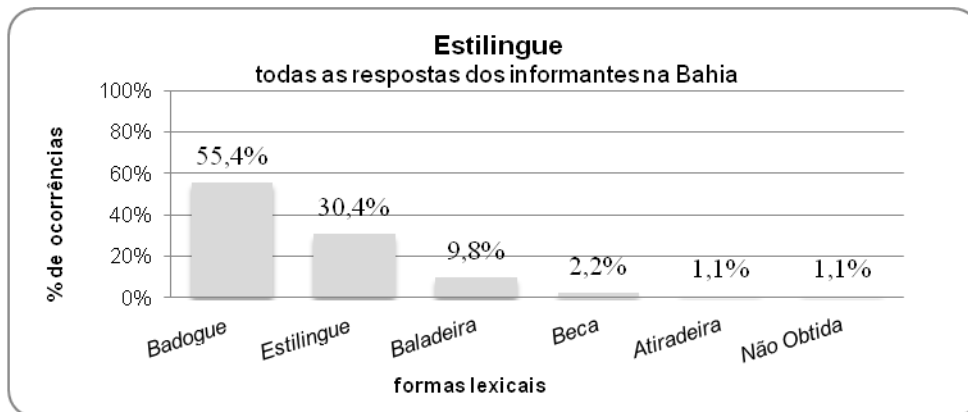
FIGURA 1 – Carta Estilingue de Ribeiro (2012)



Fonte: RIBEIRO, 2012, p. 484.

A referida carta permite também situar o *estilingue* no estado da Bahia, oferecendo um retrato da lexia nesta área. Tal panorama pode ser examinado, isoladamente, no Gráfico 2 – *Estilingue* (RIBEIRO, 2012), no qual *badogue* é a lexia de maior realização com 55,4% das respostas válidas, seguida de *estilingue* com 30,4%, nas respostas, numericamente, mais representativas. Embora com percentual pequeno (1,1%), a pesquisa da Ribeiro (2012) possui uma resposta não obtida para a pergunta em questão acerca do artefato.

GRÁFICO 2 – *Estilingue* (RIBEIRO, 2012)



Fonte: RIBEIRO, 2012, adaptado.

Salienta-se também que 30,43% dos informantes baianos de Ribeiro (2012) ofereceram *estilingue* como primeira resposta; no entanto, a *lexia* não apareceu nas comunidades ciganas pesquisadas por Silva (2017).

As demais *lexias* – *atiradeira*, *baladeira* e *beca* – só apareceram na pesquisa de 2012, em território baiano. Isolando-se o ponto 86 – Jacobina, por ser comum às duas pesquisas, obtém-se 100% de *badogue* tanto em Ribeiro (2012) quanto em Silva (2017).

Tais valores comprovam ser a área semântica bastante produtiva, ocorrendo *lexias* em todas as localidades pesquisadas, na Bahia. Não se pode definir variações de ordem diasssexual, diastrática e diageracional a partir dos dados e levanta-se a hipótese de que os informantes das comunidades ciganas adotam marcadamente as variantes das localidades nas quais estão inseridos.

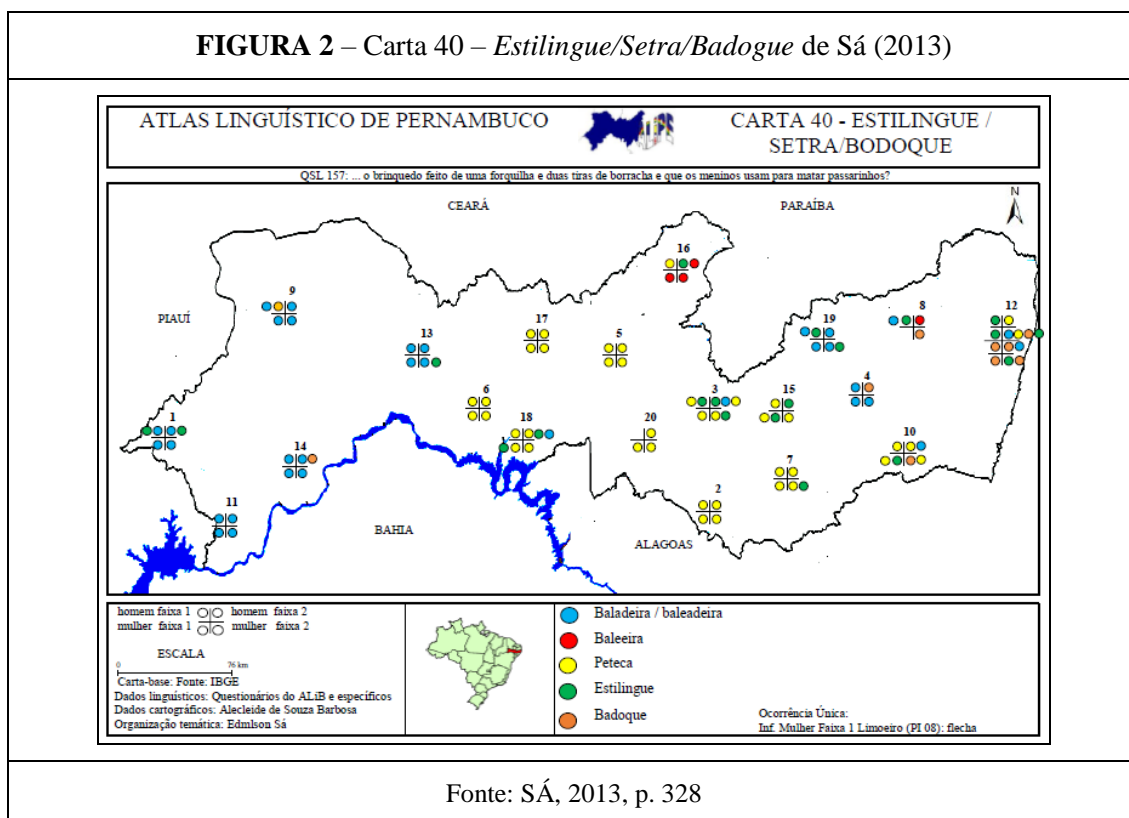
4.3 Observando Pernambuco: comunidade não cigana

Ampliando o olhar da pesquisa, propõe-se a intercomparação com a tese de Edmilson José de Sá, defendida em 2013, na Universidade Federal da Paraíba, a qual é intitulada *Atlas Linguístico de Pernambuco*.

A rede de pontos é composta por 20 municípios⁹ como pontos de inquéritos distribuídos em toda extensão territorial do estado de Pernambuco. O pesquisador trabalhou com 451 questões dentre elas a 157 do QSL – ALiB, ouviu quatro informantes naturais de cada ponto no interior e oito na capital, totalizando 84 informantes nos parâmetros das dimensões “a) diagenérica: homens e mulheres, b) diageracional: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, c) diastrática” (SÁ, 2013, p. 160). Da catalogação dos resultados, culminaram 105 cartas linguísticas, descrevendo as isoglossas existentes no Estado nos níveis fonético, léxico e morfossintático.

A Carta 40 – *Estilingue/Setra/Badogue* revela um percentual de 97,5% de respostas válidas, em Pernambuco, e destaca *baladeira/baleadeira*, *baleeira*, *peteca*, *estilingue* e *badogue* como lexias distribuídas na área pesquisada.

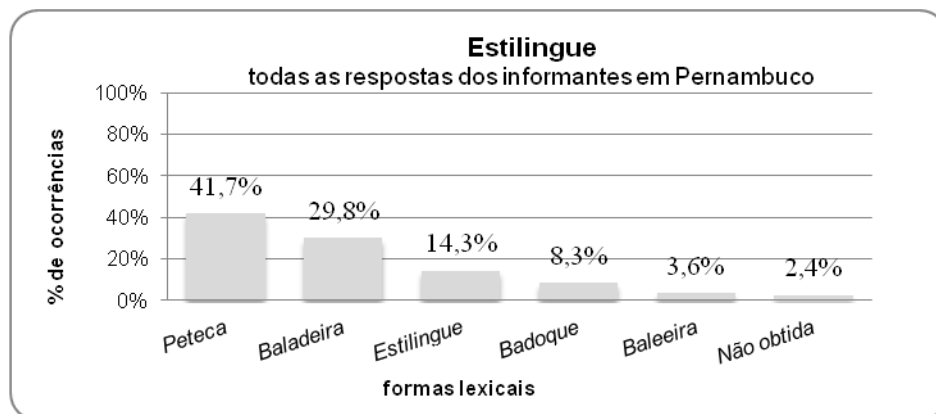
FIGURA 2 – Carta 40 – *Estilingue/Setra/Badogue* de Sá (2013)



⁹ 1- Afrânio, 2 – Petrolina, 3 – Santa Maria da Boa vista, 4 – Ouricuri, 5 – Salgueiro, 6 – Floresta, 7 – Tacaratu, 8 – Serra Talhada, 9 – Custódia, 10 – São José do Egito, 11 – Tupanatinga, 12 – Arcoverde, 13 – Águas Belas, 14 – Garanhuns, 15 – São Bento do Uma, 16 – Taquaritinga do Norte, 17 – Caruaru, 18 – Palmares, 19 – Limoeiro, 20 – Recife (capital do Estado).

O Gráfico 3, que segue, revela que *peteca* foi a lexia mais produtiva com 41,7% de respostas e a segunda de maior frequência, com 29,8% das respostas, foi *baladeira*.

GRÁFICO 3 – *Estilingue* (SÁ, 2013)



Fonte: SÁ, 2013, adaptado.

Atinge-se um arremate semelhante ao encontrado na área baiana, todas as localidades apresentaram lexias como respostas para a pergunta, as variantes sociais não são diferenciadoras de respostas e a área pernambucana apresenta semelhança entre si, ao se considerar o nível lexical em foco nesta análise.

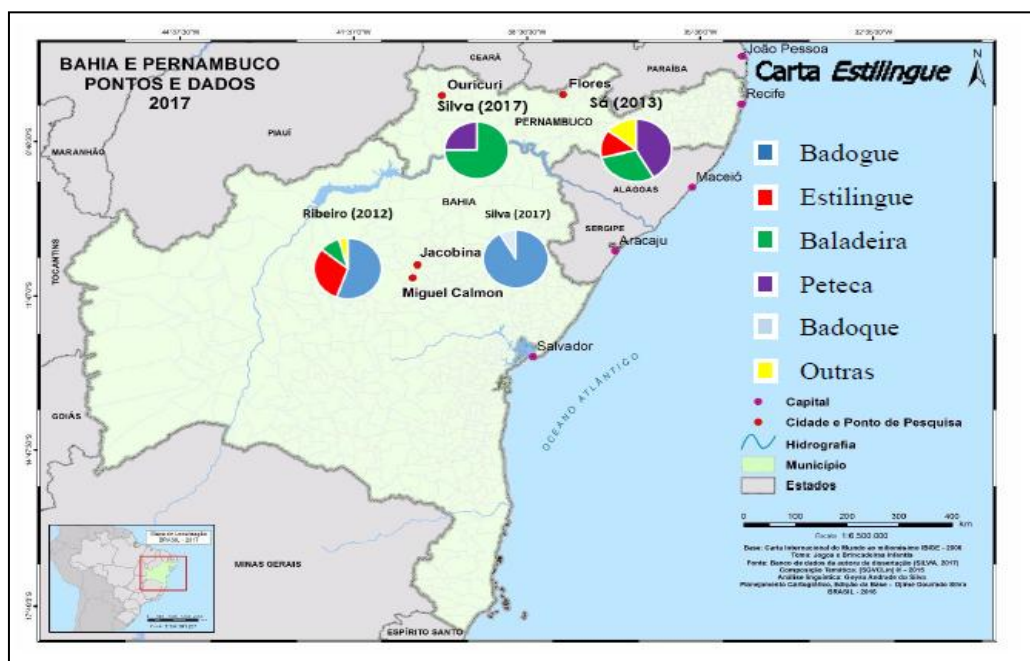
A Carta 40 revela ainda o percentual de 75% de *baladeira* entre os informantes ao se pôr à parte o ponto 4 – Ouricuri, recorrente nas duas pesquisas e que atingiram o mesmo percentual.

4.4 A intercomparação dos estudos

A comparação destes estudos gera dados que permitem observar na Figura 3 Carta – *Estilingue* o que a seguir se aponta: (i) reafirma-se o maior emprego de *peteca* e de *baladeira*, alternadamente, entre os informantes pernambucanos, tanto na pesquisa com comunidades ciganas como não ciganas e (ii) analisa-se que, no território baiano, *badoque* é a lexia de maior frequência entre as duas comunidades.

Salienta-se também que o que vem exposto na Carta – *Estilingue* (Figura 3) busca fotografar apenas a perspectiva diatópica, uma vez que os outros fatores extralinguísticos considerados (faixa etária, sexo e grau de escolarização) não demonstraram ser relevantes para as escolhas lexicais referentes às designações utilizadas para o artefato *estilingue* neste *corpus* analisado.

FIGURA 3 – Carta Estilingue de Silva



Fonte: A autora.

O padrão horizontal da diatópia (variação espacial) foi ratificado na carta linguística usada para análise dos dados e a sua importância está confirmada em Cardoso (2010)

A preocupação diatópica, seja porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços geofísicos, seja porque as línguas e suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio [...] tem sido

uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios (CARDOSO, 2010, p. 48)

A Tabela 1 – Intercomparação dos resultados obtidos por Ribeiro (2012), Sá (2013) e Silva (2017) para as denominações para o artefato *estilingue* – apresenta dados compilados, os quais mostram que *badogue* é a lexia de maior frequência na pesquisa da área baiana, alcançando um percentual de 55,4% em Ribeiro (2012) e 100% em Silva (2017). Enquanto que, em Pernambuco, na pesquisa de Sá (2013), *peteca* foi a lexia mais produtiva com 41,7% de respostas e *baladeira* a segunda de maior frequência, com 29,8% das respostas; ao passo que, em Silva (2017), ambas lexias são as mais produtivas com percentuais inversos em 25% e 75%.

TABELA 1 – Intercomparação dos resultados obtidos por Ribeiro (2012), Sá (2013) e Silva (2017) para as denominações para o artefato *estilingue*.

Lexia	BAHIA RIBEIRO (2012)		BAHIA SILVA (2017)		PERNAMBUCO SÁ (2013)		PERNAMBUCO SILVA (2017)	
	Valor absoluto	Valor relativo	Valor absoluto	Valor relativo	Valor absoluto	Valor relativo	Valor absoluto	Valor relativo
<i>Atiradeira</i>	1	1,1%	-	-	-	-	-	-
<i>Baladeira</i>	9	9,8%	-	-	25	29,8%	9	75%
<i>Baleeira</i>	-	-	-	-	3	3,6%	-	-
<i>Badogue</i>	51	55,4%	24	100%	-	-	-	-
<i>Badoque</i>	-	-	-	-	7	8,3%	-	-
<i>Beca</i>	2	2,2%	-	-	-	-	-	-
<i>Estilingue</i>	28	30,4%	-	-	12	14,3%	-	-
<i>Peteca</i>	-	-	-	-	35	41,7%	3	25%
<i>Não obtida</i>	1	1,1%	-	-	2	2,4%	-	-

Fonte: A autora.

Conclusão

Expressar suas ideias, as de seus contemporâneos e da comunidade a que pertence é algo que o léxico nos permite; ele é agente modificador e que imprime marcas na identidade dos usuários de uma dada língua. Sendo um componente da língua, usado na interação humana, manifestará a cultura; portanto, léxico e cultura são indissociáveis. Ao longo dos anos e a partir do convívio com o outro e com os agentes de padronização a que se vem tendo acesso no meio social, vai-se desenhando o léxico ativo e passivo guardado na memória.

O léxico escolhido pelos ciganos das comunidades linguísticas selecionadas, na pesquisa de Silva (2017), como resposta à pergunta 157 do QSL do ALiB, na área semântico-lexical de Jogos e diversões infantis, revelou que as variáveis extralinguísticas (sexo, idade, grau de escolaridade) não parecem ser relevantes para definir a forma lexical usada pelos informantes e que se tem variantes lexicais fortemente marcadas pelo espaço geográfico.

Dados de Ribeiro (2012) e Sá (2013) asseguram a hipótese de que os informantes das comunidades ciganas sedentarizados adotam as variantes utilizadas nas das localidades nas quais estão inseridos. Ressalta-se que, no estudo de Silva (2017), os ciganos informantes da pesquisa estão sedentarizados há pelo menos 20 anos.

Da intercomparação dos dados conclui-se também:

- a) Na Bahia, *badogue* é a lexia de maior frequência e, em Pernambuco, *baladeira* ocupa esta posição, em se considerando a intercomparação das pesquisas;
- b) O conjunto cartográfico aqui apresentado permite ter-se a visão diatópica do espaço geográfico estudado, em sua unidade (lexia e área homogênea) e sua diversidade (marcada pelas especificidades de cada estudo);
- c) O léxico se mostra apropriado para confirmar a variação diatópica e, em um *corpus* mais amplo, possivelmente, áreas dialetais;



- d) O fato de os ciganos terem uma infância mais curta, interrompida por volta dos dez anos de idade – fato da sócio-história da etnia – não interferiu na constituição do léxico do “brinquedo” em questão; alguns revelem conhecer o artefato, mas não terem brincado com ele.

Referências

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- CARDOSO, Suzana Alice. Dialetologia. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedo e brincadeiras infantis na área do “falar baiano”**. v. 1 e 2. 2012. 752 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. 2013. 417 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- SILVA, Geysa Andrade da. **Comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco: léxico, cultura e sociedade**. 2017. 184 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

Recebido Para Publicação em 31 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 31 de julho de 2020.